



A PSICOLOGIA DE NIETZSCHE COMO PROPEDÊUTICA NA HIERARQUIA DOS VALORES PÓS INCORPORAÇÃO DO NIILISMO

RAFAEL DOS SANTOS RAMOS¹; CLADEMIR LUÍS ARALDI²

Universidade Federal de Pelotas1 - rafaelfilosofi@gmail.com1

Universidade Federal de Pelotas2 - clademir.araldi@gmail.com2

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho se destina a apresentação do tema da filosofia da psicologia em Nietzsche, em geral nos escritos tardios da sua produção literária, em particular sua obra *Crepúsculo dos ídolos*, neste ínterim cumpre percorrer nossa empreitada a partir do problema da valoração em Nietzsche e o papel da psicologia, para tal lançamos mão da seguinte questão: podemos oferecer razões para cancelar a tentativa de superação do niilismo? Nossos objetivos visam: apresentar a perspectiva de comentadores que se dedicaram diretamente com conceitos que facilitarão nosso estudo sobre a psicologia em Nietzsche, bem como; analisar o texto referido do autor, e logo; esboçar uma resposta ao questionamento proposto.

2. METODOLOGIA

A proposta metodológica que nos servimos é de uma pesquisa, de cunho bibliográfico, que visa oferecer algumas bases teóricas sobre filosofia seja de uma perspectiva ética, estética ou epistêmica, em especial, à psicologia de Nietzsche, no entanto, procuramos ultrapassar sua concepção apenas crítica, buscando elementos em sua literatura filosófica que possa dialogar com os problemas contemporâneos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

É amplamente difundido nos círculos acadêmicos, que as concepções de niilismo e decadence¹ desenvolvidas na filosofia tardia de Nietzsche, são nefastas para toda tentativa de edificação de valores, o próprio autor corrobora para esta acepção ao passo em que diagnostica a modernidade como expressão radical do niilismo², ou seja, a falta de sentido ao buscar justificação aos critérios, bem como

¹ No prefácio de *Nietzsche's values* John Richardson explica, em prefácio XV: “(...) *nihilism* . Essa perda de valores é, mais precisamente, uma das duas coisas que ele [Nietzsche] chama de niilismo. Em outro sentido, o termo se aplica à própria moralidade, ao longo de sua história; em seu interior este senso de moralidade é niilista não por não ter valores, mas por ter valores que são “anti-vida” (como ele afirma). (RICHARDSON, 2020) Ao passo em que Richardson desenvolve este tema no capítulo VII, também nos alerta para os diferentes tipos de niilismo no pensamento nietzscheano, para o intento deste trabalho importa ainda destacar que, p. 240: “(...) ‘*Nihilismo*’ é talvez mais um *sector* de seu pensamento do que um conceito ou doutrina. Ideias se aglutinam nele em diferentes direções, e ele *tenta* juntá-las com sucesso incompleto. Este setor faz fronteira com algumas outras - diferentes áreas temáticas, como “moralidade”, “valor” e “vida”. Em cada uma dessas fronteiras, Nietzsche medita sobre uma rede de problemas. (RICHARDSON, 2020).

² No eixo histórico de sua genealogia, Nietzsche identificar o niilismo alçar seu ápice enquanto fenômeno, no entanto o niilismo como doença tem seu início com a moralidade em seu sentido



- tudo aquilo que poderíamos sustentar como capacidade humana de saber/conhecer/agir/etc. esbarra no nada, o horror vácuo (gerado, enquanto resultado de uma certa reflexão sobre a existência), nesse sentido Nietzsche destacar uma urgência da psicologia como protagonista³ para seu intento filosófico maduro⁴, qual seja, a transvaloração de todos os valores, ou seja, uma resposta a questão dos valores qual seja afirmativa e não menos adequada, consoante a sua noção de vontade de poder⁵.

De antemão, as pesquisas que embasam nosso intento sobre este tema, apontam para os escritos de Nietzsche destacando sua resposta a questão dos valores como não posta de modo definitivo e acabado, essa nuance ao nosso ver não pode ser interpretada como algo negativo, pelo contrário, isso destaca a coerência de Nietzsche em seus próprios pressupostos, pois vontade de poder tem de estar consoante com o por vir, o processo contínuo da existência.

Nietzsche como filósofo, em *Crepúsculo dos ídolos* (bem como nos escritos de 1888) delega a competência da psicologia a tarefa mais importante de seu projeto em curso, pois se a modernidade marca historicamente o ápice desta enfermidade que assola o mundo, em particular a europa, quem deve tratar das mazelas do ressentimento, má-consciência, niilismo e decadence é segundo Nietzsche o psicólogo da cultura.

É nesta posição que o autor se situa no cenário filosófico, nada outro que o primeiro psicólogo do ocidente. O resultado de sua filosofia, aplicado em seus textos tardios, demonstram uma crise no status de nossa linguagem, a dissolução e ou destruição de qualquer forma de unidade, bivalência, dualidade que almejam-se sustentar a validade de uma proposição, pois neste ínterim Nietzsche

mais embrionário, e nesse sentido a moral cristã, surgir também como um contra movimento ao niilismo pagão por exemplo, no entanto “(...) a posição extrema da moral cristã é entendida como ‘antídoto ao niilismo teórico e prático’. Surge ali, implicitamente, o tema do horror vacui, que será desenvolvido na Terceira dissertação da Genealogia. É pressuposto, assim, que o niilismo é um perigo latente, contra o qual voltou-se a moral cristã, ao atribuir ao homem um ‘valor absoluto’ (antídoto ao niilismo prático) e ao conferir a ele um ‘conhecimento adequado desses valores’ (antídoto ao niilismo teórico). A história da ‘Verdade’ só pode ser compreendida desde dentro da história dos valores morais. A moral mesmo ocasionaria, através da veracidade por ela gerada, seu movimento de autossupressão. Essa metanarrativa histórica diz respeito a todos os homens submetidos ao processo de moralização.” (ARALDI, 2012).

³ No texto *Nietzsche's psychology*, p. 315, lemos: “Nietzsche não apenas é favorável à ciência, mas a torna – em particular um ramo dela, a saber, a psicologia – *the projeto que nos salvará do niilismo. Portanto, nosso futuro passa por isso.*” (RICHARDSON, 2012).

⁴ Assim cabe destacar, no texto *Nietzsche como psicólogo*, p.10 “(...) Nesse sentido, a ‘grande psicologia’, considerada [por Nietzsche] como arte da inferência retroativa, recobre um campo semântico bem mais amplo do que aquele demarcado pela psicologia tradicional. (GIACOIA, 2001).

⁵ Para entendermos a vontade de poder e suas possíveis combinações partimos da interpretação de Mariana Costa que comprehende esse conceito sob as bases de Scarlet Marton e Müller-Lauter, dos quais são autoridades no tema e se afastam da leitura metafísica de Nietzsche proposta por Heidegger. A pesquisadora de Nietzsche ainda assevera neste sentido as limitações de Deleuze ao trabalhar com este conceito em um registro apenas humano... Aqui importa destacar que “A vontade de poder não deve ser compreendida como algo que, subsistindo ‘por si’, viria a se impor sobre as demais vontades. Não se trata de substancializar a força/vontade de poder, o que significa que não devemos comprehendê-la como sujeito, como Um - o que, para Nietzsche, seria o caso do átomo. A vontade de poder é uma qualidade (...)” (COSTA, 2012) Adiante Costa assevera “Nesse sentido, a noção de vontade de poder expressa não só o caráter da existência, mas também um ideal de perfeição, pois esses homens ou povos que se constituem como exceções, os por Nietzsche denominados de ‘acaso feliz’ (*Glücksfall*), seriam uma espécie de expressão máxima (ou mais própria) da vontade de poder.” (COSTA, 2012).



defender que todos os signos (simples e complexos), ou ainda, tudo também para além do humano (e não apenas neste último registro da cultura e linguagem) - *interpreta*⁶. No entanto, ao recortarmos a perspectiva especificamente humana, bem como a dimensão existencial desses tipos, percebemos que o autor explora (e portanto padece e ou atualiza) certa concepção dualista outrora criticada⁷. Partir daí sua postura de psicólogo, ou seja, desvelar na cultura os tipos antropológicos que na vida à afirmam seus impulsos (os fortes) agregando suas forças e os que ao contrário (os fracos) desagregam às forças vitais em sua existência.

Devemos aludir a psicologia de Nietzsche não apenas como parte da ciência, mas também como força motriz (ponto de partida) para plasmar (criar) estrategicamente (hierarquicamente) possíveis valores em contextos em que a afirmação da vida seja tomada como proposição (“axioma”) inquestionável. Do contrário, cancelamos nosso presente com o “erro mais antigo em questões psicológicas” segundo Nietzsche, p.38 qual seja, aquelas abordagens em que:

O vir-a-ser é despojado de sua inocência, quando se faz remontar esse ou aquele modo de ser à vontade, a intenções, a atos de responsabilidade: a doutrina da vontade foi essencialmente inventada com o objetivo da punição, isto é, de querer achar culpado. Toda a velha psicologia, a psicologia da vontade, tem seu pressuposto no fato de que seus autores, os sacerdotes à frente das velhas comunidades, quiseram criar para si o direito de impor castigos - ou criar para Deus esse direito.... Os homens foram considerados "livres" para poderem ser julgados, ser punidos - ser *culpados*: em consequência, toda ação teve de ser considerada como querida, e a origem de toda ação, localizada na consciência (-assim, a *mais fundamental* falsificação de moeda *in psychologicis* [em questões psicológicas] transformou-se em princípio da psicologia mesma...). (...) (NIETZSCHE, 2017).

Nietzsche aponta a origem das falsificações em tais questões, no entanto, como vimos sua própria noção do que seria uma psicologia salutar, não se apresenta de modo definitivo em seus escritos. Não obstante, em CI a filosofia da psicologia em Nietzsche é aproximada das características que descrevem ao tipo nobre, o legado ou devoção que o autor julga dever aos gregos antigos, bem como personalidades de exceção da história posterior, tais como Napoleão e Goethe e outros.

4. CONCLUSÕES

Há razões para cancelar a tentativa da filosofia (especialmente a contemporânea) a desistir de superar o niilismo, pois ao nosso ver essa é uma

⁶ Contudo, ao passo em que estamos fadados a compreender a existência por uma interpretação de tipo humano, cabe ressaltar o entrelaçamento entre verdade e interpretação em Nietzsche, em p.18: “(...) Seguindo a linha de Nietzsche, pode-se fazer a tentativa de compreender a verdade não mais como aquilo que preexiste independentemente da sua interpretação. Ao contrário, a verdade poderia ser vista como o nome para a produção nos processos interpretativos. Com esses processos não se chega, definitiva e universalmente, a um fim obrigatório. Neles surge a verdade, que serve também à classificação de proposições (juízos, representações) enquanto verdadeiro' ou 'falso'. Nesse sentido, pode-se conceber a verdade como interpretação. Nos processos de interpretação não se trata, portanto, primariamente, de des-cobrir, de desvelar uma verdade preexistente e pronta”. (ABEL, 2002)..

⁷ Pois, como apresenta na primeira dissertação de *Genealogia da moral*, a tipologia forte e fraco caracteriza não um dualismo metafísico ou epistêmico como propôs a tradição, mas sim uma forma de pensar o tipo humano, que condiz ou não com aquilo que em última análise o autor comprehende por: afirmação da vida. Assim, ao nosso ver Nietzsche provoca paradoxalmente à sua crítica certo dualismo antropológico ao desenvolver sua tipologia.



tarefa impossível, tal qual “o desvelar” a verdade outrora almejado pelos sacerdotes ascéticos. Lidar com aporias, inseguranças por conta da falta de sentido, não pode e não deve ser condição para negar a vida, uma vez que essa última tem de suportar com honestidade as mazelas da existência. Acabar com niilismo seria algo aproximado ao aniquilamento da linguagem, da cultura, pois tal fenômeno é parte constitutiva da história do mundo, assim diz a genealogia da culpa operada por Nietzsche. Se “afirmar a vida” tornar-se um “axioma” ou uma meta na existência salutar, como deve pressupor a psicologia nietzsiana, então é preciso tirar a culpa do mundo, isso significa incorporar o niilismo com certa honestidade, sem temer o vácuo entre a efetividade da vida e nossas capacidades de estar ciente, ou seja, estamos fadados a coexistir no niilismo, mas isso, seguindo Nietzsche não nos impede de com alguma alegria criar a partir dessas dificuldades, criar com o mesmo ímpeto em que os gregos antigos ocupavam-se de seus sofrimentos, ou seja, afirmando a vida e não seu contrário.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABEL, G. Verdade e Interpretação. **Cadernos Nietzsche**, Bahia, v12, p.15-32, 2002.

ARALDI, C. Os extremos do niilismo europeu. **Estudos Nietzsche**, Curitiba, v. 3, n. 2, p. 169-182, jul./dez. 2012.

COSTA, M. Hierarquia, complexidade e coesão: a vontade de poder como multiplicidade e as suas possíveis combinações. **Perspectiva Filosófica**, Recife, v. II, n. 38, p. 127-142, ago./dez. 2012.

GIACOIA, O. **Nietzsche como psicólogo**. Vale do Rio dos Sinos. Ed. Unisinos, coleção Focus 6, 2001.

NIETZSCHE, F. **Crepúsculo dos ídolos**. - 1ª Ed. - São Paulo : Companhia de bolso, 2017.

RICHARDSON, J. Nietzsche's psicology. Capítulo IV, p.315-332. In: **NIETZSCHE'S WISSENSCHAFTSPHILOSOPHI**: Hintergründe, Wirkungen und Aktualität Nietzsches Philosophy of Science. Edited by: Helmut Heit, Günter Abel and Marco Brusotti, Volume 59 in the series Monographien und Texte zur Nietzsche-Forschung, 2012.

_____. **Nietzsche's values**. New York, NY, United States of America : Oxford University, 2020.